



Eis Aqui Aquela

Rita Magalhães

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

EDITORA DA UECE

Erasmo Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso
Francisco Horácio da Silva Frota
Francisco Josênio Camelo Parente
Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes
Liduina Farias Almeida da Costa
Lucili Grangeiro Cortez
Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos
Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Marcony Silva Cunha
Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge
Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antônio Torres Montenegro (UFPE)
Eliane P. Zamith Brito (FGV)
Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP)
Manuel Domingos Neto (UFF)
Maria do Socorro Silva Aragão (UFC)
Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR)
Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ)
Túlio Batista Franco (UFF)



Eis Aqui Aquela

Rita Magalhães

Fortaleza - CE
2018



Eis Aqui Aquela

©2018 Copyright by Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade
Estadual do Ceará - EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700
Campus do Itaperi
Reitoria - Fortaleza - Ceará
CEP: 60714-903

Tel: (085) 3101-9893. FAX: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece
E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



COORDENAÇÃO EDITORIAL

Erasmio Miessa Ruiz

DIAGRAMAÇÃO

Ismênio Souza

CAPA

Ismênio Souza

FOTOS DA CAPA

Rita Magalhães

FOTOS

Rita Magalhães

FOTOS DE RITA

Sarah Lacet

REVISÃO DE TEXTO

Alcio Farias de Azevedo

Rita Magalhães

FICHA CATALOGRÁFICA

Lúcia Oliveira - CRB: 3/304

M188e Magalhães, Rita
Eis aqui aquela / Rita Magalhães. -
Fortaleza : EdUECE, 2018.
82 p. : il.
ISBN: 978-85-7826-629-5
1. Literatura brasileira. 2. Poesia
brasileira. I. Título.

CDD: 869.1



Eu sou Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães. E tem tantas Ritas na Rita; difícil falar de si. Sou filha do Seu Noé e da Dona Nely. Nasci em 1968: meu ano que não terminou. Cearense de Fortaleza das bandas do Mondubim Velho. Docente do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),

moro em Natal. Sou professora. Sou pesquisadora. Sou poeta. Sou de câncer com ascendente em Gêmeos. Gosto de filmes antigos. De acordar tarde. Café forte e quente. Nas horas vagas brinco de "artista plástica". Escrevo poemas desde os 11 anos de idade. Sou difícil (talvez impossível) de definir.

Eis Aqui Aquela

uma apresentação

José Jackson Coelho Sampaio

Professor Titular em Saúde Pública
e Reitor da Universidade Estadual do Ceará-UECE
Poeta cearense

Conheço Rita Magalhães há tempo suficiente para sedimentar carinho e amizade, em processo um tanto vagaroso e com mínima partilha dos cotidianos de vida. Nossos encontros, praticamente durante o tempo de trabalho docente na Universidade Estadual do Ceará-UECE, - eu na Saúde Coletiva, ela na Educação, mas tantos acordos e tantas interfaces - tornaram-se mais raros quando ela mudou-se, armas e bagagens assinaladas, para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.

O carinho, porém, havia se instalado e cada novo encontro salta pelo abismo do tempo não compartilhado e é como se o último olá tivesse sido dito ontem. Assim se explica ter eu caído na conversa dela, suavidade de veludo antigo na voz, e estar aqui a apresentar a poesia desta amiga. Ao leitor eu poderia omitir os sentimentos, mas parte da poesia se perde sob os escombros das técnicas de análise. Ao declarar os sentimentos envolvidos, o leitor pode supor troca de generosidade entre compadres. Bem, assumo os riscos.

Se um texto somente se torna poesia quando assim reconhecido por um fruidor, então este livro de Rita já pode assim ser chamado. Passa no meu teste: é poesia. Posto em circulação impressa, diante de cada leitor-fruidor, o teste se repetirá, sendo a poesia reconhecida ou não. Cada um terá a responsabilidade de aceitar a esfinge, decifrar e decifrar-se, devorar e devorar-se, sem a comodidade de seguir um cânone.

O tema lírico ou existencial, o verso livre, a natureza de ritmo e melodia, a existência da metáfora e a aceitação por autoridades não são suficientes: é preciso que o texto seja assim construído na consciência ético-estética e nos sentimentos de cada um.

A leitura inicial, conjunta das duas partes, sobretudo da 1ª parte, tornou possível identificar consistente unidade temática. É como se Rita houvesse escrito, aos espasmos ou sonambulicamente, um único poema, depois o recortado e então atribuído um título a cada recorte. A 1ª parte, de fato, pode ser lida como um único poema parido de noite e organizado de dia. As sombras polimorfas da criação encontram a lógica pragmática, quem sabe para facilitar leitura. Na 2ª parte, a maturidade nos domínios existenciais da obra inventaram múltiplos temas e interesses expressos em seus próprios ritmos.

A leitura da 1ª parte, a princípio, me inquietou, mas isto foi superado com êxito após a leitura da 2ª parte. É que me desagrada a excessiva marca de estratificação social (poema de rico, pobre, classe média), ou marca étnica (poema de branco, negro, índio), ou de gênero (poema de homem, mulher, gay). Iludo-me com a ideia de que a poesia seja mais primitiva e universal que todas estas contingências. É claro que se percebe o masculino em Drummond de Andrade, sem que isto o desmereça. É claro que se percebe o feminino em Adélia Prado, sem que isto as desmereça. Vá lá a rabugice de quem gosta de abolir marcas e deu a isso estatuto de teoria pessoal.

A ambição do eterno, uma ambição adolescente e um eterno de mulherzinha (o diminutivo não está aqui como adjetivo depreciador, mas como hipocorístico), pode ser lido, realmente, como um único texto de insônia, auroras, simbolismos, fidelidades, felinidades, inconstâncias, impossibilidades, conselhos, tempos que passam, amores, desejos, encantos, encontros, cartas ras-

gadas, dubiedades, circos, histórias de alice, álbuns de moça e palavras. Porém um novo se insinua no ciclo das águas, no negligente itinerário de faxina e na referência a Lílichtka, a musa de Vladímir Maiakóvski.

Em seguida, a oferenda, em doação de si mesma, multiplica temas e ritmos, identificando em destinatários a expressão de experiências vitais, como a impressão de luz e chuva no campo de jaboticabas, o pouso da poesia no por-dosol, a memória como a eternidade possível, a rua nas vozes de cigarras e cães, a beleza da flor mesmo em vaso de lata, o nascimento e o fim da poesia, o bote da gata no pássaro, o conflito entre carnaval e finados, o trânsito no bairro e no coração, a lua perene e inatural, a máquina da cidade que destrói e comove, a paixão que não cabe na fila do ônibus, o espelho de si mesma nos ritos do banho, o que se entrega na solidão e o repartir maternal dos frutos da terra.

Meu longo tríptico "Itinerário de Fortaleza" recebe de Rita uma homenagem concisa e sutil. Obrigado, minha querida, mas descobrir esta oferenda a mim, em meio às demais, tornou mais difícil o labor desta apresentação. Quem tenha acesso a este livro e se sinta motivado a lê-lo, já o fará, independente de mim. Ao ler, quem tenha a iluminação de reconhecê-lo como poesia, já a terá, independente de mim. Acolha este meu texto, então, você mesma, Rita, como singela oferenda amorosa.

A todos os que tenham acesso aos umbrais do livro, peço que recebam solenemente este percurso da juventude à maturidade de uma poeta, que, com as mãos abertas, entregue sua paixão sob forma de poesia. E cada leitor reverbere os achados no terreno fértil da própria sensibilidade.

Poema Prefácio

Eis aqui aquela

são sessenta poemas de rita

são sessenta poemas da rita. da menina que, por
mais dias que viva, menos dias transparece e
aparenta.

são sessenta poemas. cheiro de hai kai. incisivos.
contundentes. cortantes. exigentes de sustos e de
uma lealdade de sentir alegria. e de chorar... dores,
surpresas, acalantos d'alma, desenganos, ânsias,
esquecimentos, meninices, lembranças, desejos, amo-
res, desesperanças esperantes de entendimentos
profundos.

são sessenta poemas de rita. a menina das
palavras vivas. não existem letras mortas
na vida dos poemas de rita.

uma rita de ...
um dicionário com palavras não usadas

uma menina poeta...

Eu diria nunca
Como quem diz sempre
Como quem morre sorrindo

uma poeta que caminha...

em ruas e veias
apenas calor
e um grande amor
fora de moda
afora um coração
que bate.

poemas de uma rita que
fechou o livro na sala ao ouvir a canção

poeta de angústias sãs.
porque se pergunta...

Poderá a poesia
Fugir dos meus dedos
Que será de mim
Se eu não alcançá-la

a gente começa e só para quando terminam os
sessenta poemas. mas a gente recomeça -

Eu tenho sede

Deste sangue quente

Que anuncia a aurora

E me deixa tonta

e chega, novamente, ao último verso do último poema

que a mãe ficava sempre
com a menor parte.

não consigo deixar de recomeçar, outra vez.

nem sei fazer um prefácio.

eis aqui aquela.

um livro da menina, rita poeta.

o livro da poeta, rita menina.

a poesia da rita, menina poeta.

apenas quero dizer, aqui, desavergonhadamente, que foram três tentativas para escrevinhar um prefácio, antes de chegar a estes ditos. nenhum digno dos poemas levespesadosdensos de memórias vividas-nãovividas desta rita que, agora, diz-se em poemas encantados de palavras luxuriantes de poeticidade.

não me canso de ler e sentir-me encantada.

abraço-te, menina rita poeta. não sem antes dizer-te,

caro leitor: (hein?)cante a si, lendo rita.

eis, aqui, aquela...

Izaira Silvino

a que ama a poeta rita

Izaira Silvino é musicista, maestrina, arte-educadora e professora da Universidade Federal do Ceará

Poeta cearense

SUMÁRIO

Parte 1 - Ambição do eterno

DA INSÔNIA E DA AURORA	19
SIMBOLISMO MARÍTIMO	20
SIMBOLISMO MARÍTIMO Nº 2	21
POEMA DA INCONSTÂNCIA	22
A FIDELIDADE	23
OLHOS DE GATO	24
MAR DAS IMPOSSIBILIDADES	25
A TRILHA E A LEBRE	26
DO DESEJO	27
CONSELHINHO	28
O CICLO DAS ÁGUAS	30
CARTAS RASGADAS	31
POEMAS DOS ENCANTOS	32
DO AMOR	33
ENCONTRO DOS CORPOS	34
DAS CARTAS	35
PEQUENO ITINERÁRIO DA FAXINA	37
AO TEMPO (QUE PASSA)	38
CAMISA VERDE	39
LÍLITCHKA nº 2	40
DAS EXPLOSÕES	41
DA ARTE DE COLHER FRUTOS	42
AMOR EM EVIDÊNCIA	43
O FINAL DO SÉCULO	44
POEMA DE UM ÁLBUM DE MOÇA	45
O QUE DO AMOR SE PROCLAMA	46
FEITO AS HISTÓRIAS DE ALICE	47
DUBIEDADE	48
CIRCO	49
DAS PALAVRAS	50

Parte 2 - Oferenda

ESTUDO EM PÚRPURA E BRANCO	52
ANTES DAS 16:30	53
MEMÓRIA	54
MEU ITINERÁRIO DE FORTALEZA	55
SONS DA INFÂNCIA	57
MORALIDADE Nº 1	58
POEMA DA GATA DE RUA	59
TRÂNSITO	60
DAS RAZÕES DA POESIA Nº 2	61
A NOITE	62
SÃO PAULO	63
POSTURA	64
MOÇA DO 301	65
JUVENTUDE	66
NASCIMENTO DA POESIA	67
JARDINAGEM	68
PALAVRA Nº 2	69
CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UMA PERGUNTA	70
FEBRE E PAIXÃO	71
UM CARNAVAL	72
POEMA DE FINADOS	73
NATUREZA QUASE MORTA	74
SE EU FOSSE JORGE LUIS BORGES	75
PALAVRA	76
O OFÍCIO DO POETA	77
POEMINHA APOCALÍPTICO	78
RUAS E VEIAS	79
OFERENDA	80
FUGA	81
AULA DE GASTRONOMIA	82

Parte 1

Ambição do eterno





DA INSÔNIA E DA AURORA

Eu tenho sede
Deste sangue quente
Que anuncia a aurora
E me deixa tonta
alucinada
Eu tenho sede
Deste sangue puro
Que me lava a alma
Que me trava os dentes
Que me desconsola
E não dá respostas
E não dá verdades
Que me desencontra
E me oferta um labirinto
Eu tenho sede
Deste sangue estranhamente intenso
Que não sei o gosto
Que não sei o aroma
E me queima a pele
E invoca o vento
Eu tenho medo deste sangue
Que anuncia a insônia
Que não sabe a hora
E não dá respostas
E não dá verdades
Eu sei da sede e do medo
Da insônia e da aurora.



SIMBOLISMO MARÍTIMO

Eu pensei
Que do imenso mar
Só restava
Intragável e obtuso
O sal
Então supus
Que não mais me afogaria
No odor da maresia
Que não mais me encantaria
Com marítimas formas.
Mas o mar
Permaneceu
Discretamente absoluto
De seu trágico poder.



SIMBOLISMO MARÍTIMO N^o 2

Tudo tão imenso
Todos os mares
Tudo tão denso
Salmoura das águas
De todos os oceanos
Imergi em profusão
Deuses marítimos!
Gélidas correntes!
Socorrei quem se afoga,
No suposto afago do mar.



POEMA DA INCONSTÂNCIA

E somos onda
Em qualquer lugar
Feitos de espuma e vento
Trazemos dentro de nós
O mar da inconstância
Não importa
Se alguém espera no cais
Se alguém chora na praia
Somos onda
Vivemos de nunca chegar.



A FIDELIDADE

A lua
É amiga sentimental
Platônica amante
Mesmo em noites de orgia
A lua
É amiga ideal
Obtusa amante
Mesmo em horas lascivas
Nada cobra, nada fala
Cala e consente
Inacessível figura
Boiando no céu
E no entanto,
Tem milhares de amantes.



OLHOS DE GATO

Ele olhou para mim
E disse
— Que coisa horrível a felicidade!
E nesse instante nu
Tivemos vontade de pele
E uma solidão
Incorporou-se a nós.

Ele olhou para mim
E era escuro
Todos os galos cantaram
Fora de hora
E ele permaneceu olhando
Com olhos de gato
Sem ouvir tais galos.

Ele olhou para mim
Anunciando a suposta aurora
Ele me olhou.



MAR DAS IMPOSSIBILIDADES

Um corpo barçaça
Egótico ente
A mão que te toca
Toca a si

Uma alma barçaça
Egótico ser
Que se ama em ti

Inútil
O que navega
Para dentro de ti
Pois só se ama
Através do teu mar
Inútil barçaça
Navegando dentro de si.



A TRILHA E A LEBRE

Por um tempo
teremos a trilha
poucas milhas
algumas palavras
antes da febre
- lebre afoita a nos percorrer -
depois
o desejo estará morto
até a raiz dos cabelos
o fim do (que se chamou) amor
decretado
no peito e ao vento
tudo vivido
limpo e pronto
em desabalada ânsia
a velha trilha
e sua lebre
ficarão no olvido.



DO DESEJO

Isto que navega
Nave errante, pássaro ardente
Armado até os dentes
pássaro mutante, nave incandescente
Amando até os dentes
Forma de capricho
de um deus humano
Isto que navega
e nos contém.



CONSELHINHO

Meu bem,
quem mente
rouba
- lição da mamãe -
melão, coração
acerta na loteria
sem necessitar cartão.

Mas só o coração
fica à espera
da próxima mentira
fácil de acreditar

O coração
- bem móvel -
fácil de carregar
- cabe na palma da mão, dentro do bolso -
tem lá suas crenças
e então
é roubado
Nestes momentos de pane corporal
como vivermos?
(Cardiologistas do mundo, uni-vos!)



Meu bem,
Quem mente rouba
desista logo
do eletrocardiograma
melhor procurar
a polícia militar
um médium, um pai de santo
a santa madre igreja
ler poesia, tomar um porre
deitar e esperar
a morte
que aí
o coração volta
- volta sim, bem de mansinho -
recomeça a bater
meio constrangido
quase feliz.

Acontece meu bem,
que o coração
com seus caprichos
não tem juízo
e nunca aprende
quem mente,
rouba.



O CICLO DAS ÁGUAS

Cada rio (supostamente)
teria seu mar
Acaso construído
cotidiano
No ocaso
um rio se perdeu
Com tantas terras a molhar,
continentes inteiros
E o mar vazio
lentamente
se inunda
com as águas
de outros rios.



CARTAS RASGADAS

Palavras

Cortadas em mil pedaços

Por certo

Desmanchou-se a celulose

Massa disforme

Por certo

Diluiu-se a tinta

Manchando a massa

Palavras

Idas, lidas

Diluídas

Deixaram de existir?



POEMAS DOS ENCANTOS

Ser
capaz do encantar-se
após os entretantos
é nossa
humana discência
que se cumpre
mesmo com susto
e a todo custo
porque o encanto
percorrendo o mundo
prevalece.



DO AMOR

O objeto do amor
é sujeito
de todas as forças
o sagrado
(respeito e medo)
foi profanado,
por bocas e mãos.



ENCONTRO DOS CORPOS

"Deixa teu corpo encontrar-se
com outro corpo
Porque os corpos se entendem,
mas as almas não"

- Manuel Bandeira -

Os corpos têm razão
Apenas eles têm razão
Nunca negam
No encontro são
Nunca esperam
Impossíveis da sorte
Apenas eles se enlaçam
Com a devida profundidade
Os corpos no encontro
Formulam a unidade
Ainda que fugaz.



DAS CARTAS

Há cartas dentro de caixas
apenas uma foi tua
a gente costuma rasgar papel
quando fica velho
e fazer uma fogueirinha
para aquecer a alma
que de tão fria
pode ficar branca,
lúcida demais
mas ainda não decidi
o que fazer com as cinzas
bem que é divertido
soprar para longe
o que foi grave e puro
mas você poderia querer as cinzas
(dia desses)
seria difícil remexer memórias
ou evocar mensagens
numa mesa
tudo demandaria esforço sobre-humano
e encontro-me cansada
ocupada mesmo
com tanta vida
que varre e escorrega



deixar que as cinzas sumam
seria uma solução
pois o que foi pó
ao pó retorna,
quando menos se espera,
cartas são papel e tinta
mas essas coisas eu escrevo
para ficar a par
de mim mesma
assim como as cartas
me deixam a par
de tudo e tantos.



PEQUENO ITINERÁRIO DA FAXINA

Tudo já foi feito
As luzes
Foram apagadas
As portas
Foram fechadas
Não há vestígios de poeira
Tudo está
Em seu devido lugar.

Resta apenas
Um espelho partido
No centro da sala
E este pequeno detalhe
Inunda
Uma vida inteira.



AO TEMPO (QUE PASSA)

O tempo passa
e aquele amor
fica contido
num canto qualquer
do coração
que hoje é do mundo
sem gemido ou prece
e há um silêncio
em consignaçoã
quase resposta
ao tempo que passa.



CAMISA VERDE

Só existiu o verde
Nada em preto e branco ou cinza
- como dizem -
Apenas verde
mancha
no momento cinza
A boca abriu
um adeus
verde.



LÍLITCHKA N° 2

A chave da casa
O era uma vez
As cigarras
Sapos e grilos
Noites de chuva
Lendas, sereias
E ovnis
Querubins
Coisas encantadas,
De tudo isso
Você faz parte.



DAS EXPLOSÕES

Paixões explodem
Quinze milhões de paixões
De quinze em quinze segundos
Explodem.

Tantos mundos descobertos
E outros tantos mortos,
Por pesada artilharia
Morteiros, granadas
E o sangue fresco
Dos descrentes.

Paixões explodem
De quinze em quinze segundos
Mesmo que por quinze segundos
Novas cores
Pintam as velhas
Nos peitos nus
Ou mesmo vestidos
Em apenas quinze segundos
De humanidade.



DA ARTE DE COLHER FRUTOS

Frutos verdes
não se desenlaçam sem dor
necessário vigiar
o tempo preciso
de sua queda
apará-los
segundos antes
da precipitação
pois paciência
é arte
cunhada na espera.



AMOR EM EVIDÊNCIA

Não era evidente
o amor
mas vivente
faltou gritá-lo do alto
espatifá-lo no asfalto
e o amor
desmanchado em evidência
(notícia de jornal)
abalaria o tráfego.



O FINAL DO SÉCULO

Se amei tanto assim
já nem lembro.
O certo
são as filas
que fazem nos cinemas
por "Romeu e Julieta"
segundo se comenta
só é possível
morrer de amor
na tela.



POEMA DE UM ÁLBUM DE MOÇA

O meu amor
não tem medida
pula da janela
do décimo andar
e nem se espatifa
flutua
até chegar
dentro do teu ouvido
e dizer baixinho
às nove em ponto
te encontro.



O QUE DO AMOR SE PROCLAMA

Tudo o que no ar
se perde
arde
brasa e sol
dentro do peito.

Carrego
o que sei de ti
no que resta
do ardor
de tempos idos
permanências
reentrâncias
encontros
sequer marcados.



FEITO AS HISTÓRIAS DE ALICE

Chegou
como quem necessita
de mãe, amante, irmã
como quem pede
um colo, um gozo, um abraço
assim como um tipo
de incesto
carregava consigo
um oco de tudo
a lógica
das histórias de Alice
e de dentro dele
não raro ouvia-se
a rainha gritando
(___) Cortem-lhe a cabeça!
mas isto dito
já é outra história.



DUBIEDADE

Na manhã
Nada é cedo
Tarde demais
Perdemos presságios
A noite
Emana os mistérios
A questão
É que não quero somente
Sussurros noturnos
Anseio o tilintar das louças
Durante o café.



CIRCO

Ele dizia para a moça
Que era de circo
fazia malabarismos
engolia facas
cuspia fogo nos dias ímpares
saindo do carro do palhaço
E a moça era seu par
no jogo das facas,
no alto do trapézio.



DAS PALAVRAS

"As palavras aí estão, uma por uma".
Porém minha alma sabe mais."

(Cecília Meireles)

As palavras dizem tudo
Mas quem sente
Mesmo
São as pontas dos dedos
E das línguas
As mãos que tocam
E permanecem numa atitude
De infinda liberdade
Em profuso equilíbrio
As palavras pesam demais
Porém o tato é leve
E diz mais
Quando cala e toca
A superfície do ser
As palavras podem fingir
Iludir-nos com seus engodos
Só o corpo denuncia
Mesmo quando se põe a negar.

Parte 2
Ofrenda





ESTUDO EM PÚRPURA E BRANCO

Para Raimundo Severo Júnior

Luz fosca
(não luar)
Chuva fina
(não tempestade)
o campo
coberto de jaboticabas
(um cheiro ácido e podre)
a menina na jaboticabeira
e seu poder
de tornar a chuva
- agora espessa -
púrpura e prata
banho das vestes brancas
no momento do abraço.



ANTES DAS 16:30

Para Izáira Silvino

Como se faltassem cinco minutos para
o maior acontecimento

Feito um por de sol distraído
Deslocado na terça-feira,
A poesia pousou.

Nuvens no azul tomaram a forma
delas mesmas fora do meu alcance,
E vi carneirinhos nas nuvens
Saltitantes coelhos
Meninos sem camisa
No meio do azul.



MEMÓRIA

para meu pai

Aquele homem
Tinha medo de ser esquecido
Que não existisse mais memória
Do seu jeito
Ou cheiro
Costumava tirar noites para tocar violão
Mostrava constelações
Consertava rádios
Amava livros
Tinha uma vitrola
Adorava Gatos
Construía cataventos
Teve oito filhos
Os filhos pares de netos
E mesmo assim,
Tinha medo de ser esquecido.



MEU ITINERÁRIO DE FORTALEZA

para Jackson Sampaio

Rua 24 De Maio

A rua fedia
um cheiro de peixe
um cheiro de lama
e coentro
uma ânsia
quase vômito
anti-clímax.

Igreja do Patrocínio

Vozes em oração
a praça
de tudo vendia
o padre abençoava
vinho barato
moedas caíam
no cofrinho vulgar
a igreja permanecia.



Rua Guilherme Rocha

Pernas cheias de passos
cores
multicores
meninos batendo carteiras
bolsas cortadas a gillette
ambulantes e buzina
cafezinho na esquina.

Cine São Luiz

Soube do glamour
pela boca de meu pai
Anastácia
chapéus e sedas
vi filminhos
de ação
mas o lustre, a escadaria
eram os mesmos.

Mercado Central

Dizia-se:
no alvorecer
do curto-circuito
tudo
viraria cinza
até
o cheiro de couro
a escadaria suja.



SONS DA INFÂNCIA

Um cão uivava a noite inteira em agonia
Barulhos de sapo
O caminhão ensurdecedor passando na rua
Cigarras e mais cigarras
E mais cigarras
Chuva no telhado
Trovões
Tinha uma casinha branca no pé da serra
Rádio Iracema
Cantigas e mais cantigas de igreja
Hinos
A voz da avó
O pai cantando
E mais cigarras.



MORALIDADE N° 1

As plantas eram belas
Quase selvagens em seu viço
A menina riu dos vasos
latas de óleo e leite
de onde nascia um jardim
desmereceu o vaso por não ser vaso
quis a beleza do vaso e não da flor
seu irmão mais velho
a olhou com reprovação
(___) Qual o problema das latas?
Ela olhou as plantas
baixou a cabeça
Estava fresco aquele dia
Mas o carro ficara abafado.



POEMA DA GATA DE RUA

Minha gata se deita
Na frente da janela
Do apartamento
E olha
Passarinhos e insetos
Que circulam
Além do seu alcance

Ela me olha
E eu a ela
É obvio
Não nos entendemos
Mas para além da janela
Fica a vida toda
Minha e dela

De repente
Um barulho na varanda
Penas no ar
Ela trouxe o mundo para si
A cor violácea
Na cabeça da rolinha
Combina com a tarde morrendo
Ela outra vez me olha
E continuo sem entendê-la.
(horas depois de eu embrulhar
o corpo sem vida do pássaro
e colocar na lata de lixo).



TRÂNSITO

trens
atravessam bairros
ritmos
tomam meu corpo
olho a passagem
tanta pressa
na espera
duvido
das batidas
no coração
em meio às buzinas.



DAS RAZÕES DA POESIA N° 2

Minha avó
olhou longamente
a flor azul
de tecido
Disse em tom de confissão
(___) "É azul? Porque rosas brancas
são dadas aos mortos".

Na casa da tia Lia
Crepitava o carvão
no fogareiro,
um cheiro quente
de pimenta e coentro
vinha me encontrar.

O canto das cigarras nos jatobás

Acontecimentos que me fizeram poeta
quando podia
ter sido contorcionista,
engolidora de facas.



A NOITE

Inatuais esperanças
A perene lua
Estrelinhas cadentes
Perseguidas
Por milhares de pedidos
Apressados.



SÃO PAULO

São Paulo
máquina e mágica
múltipla
perdição de tantas vidas
tanta pressa me envolve
tal metrô que engole metros
em ruas úmidas
este teu ar de
cadente estrela da Metro
me comove.



POSTURA

Naquela época as saias
Tinham um tamanho digno
- quatro dedos abaixo do joelho -
o decoro só era obtido
ao cobrir o corpo
Acontece que ela
Ria e balançava o cabelo
Havia um vir a ser
Uma luz própria
Quase incontinente
Girando dentro da moça.



MOÇA DO 301

Tudo coube em apenas três caixas
ou pelo menos
há menos papel
menos palavra
menos peso
do que na próxima mudança.



JUVENTUDE

Havia algo nela
que ela não sabia
como
uma pressa de si
uma porventura
uma espera,
o medo do que estava por vir,
a natural pressa.



NASCIMENTO DA POESIA

A terra
ontem seca
ainda quente
após a chuva
Levantou um cheiro
Alguém espirrou
Outro aspirou
E ambos
Saltaram na poesia
Da manhã.



JARDINAGEM

Cultivo ervas
as daninhas se espalham
perco o controle do jardim
rosas convivem com urtigas
sempre vivas espinhosas ferem suculentas
- haverá pelo menos um cacto no meio do caos -
revolvo a terra
dou a ela excrementos
arranco, podo, molho
como quem
tira espinhos da ponta dos dedos
acompanha procissões
e ervas daninhas
rebrilham no sol da manhã
compondo meus pés.



PALAVRA N° 2

na palavra
algo me move
talvez por isso
eu mova
quebre e triture
palavras
até tentar fazer,
por exemplo,
palavra ter cheiro.



CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UMA PERGUNTA

"E a vida se resume? "

A vida
não se resume
às coisas que nos consomem

A vida
só nos assume
assim como somos
frágeis, pérfidos
a sós

A vida
tem o costume
de nos legar uns rumos
todos os desaprumos

A vida
não se resume
sua função
a nós mortais.



FEBRE E PAIXÃO

Nesta longa fila
Esqueci do ônibus,
Tem tanta coisa
Que não cabe em mim
esta chuva fora de hora,
esta água toda
o vento
início de frio
isto que desconheço
e toma meus ossos.



UM CARNAVAL

Noite
bruma e lua
final de verão
máscaras
tudo assim
furta-cor

Noite
trilhos e trens
sangue diluído
passagens
tudo assim
furta-dor



POEMA DE FINADOS

Antigamente eu chorava no dia dos mortos
de meus cabelos
saía uma poeira cinza
mas desacostumei,
vi tantos queridos indo
meu pai segurando a minha mão,
meu irmão sozinho no meio de uma rua
caixões comprados
velas e flores
missas
sete palmos.

Prefiro
ir ao cemitério sem dia definido
e pensar
como podem as mãos que eu beijei
voltarem ao pó
ecos de risos serem esquecidos
e pensar:
todo dia pode ser
dia dos mortos.



NATUREZA QUASE MORTA

Na tarde que morria devagar
vi azaleias azuis mudarem de cor
mas não era primavera
a cor vista
era uma mistura
que prenunciava o fim
e jamais poderia
ser descrita
com a palavra
eu quis ser um pintor
destes que cortam a orelha
se matam
porque ontem
na tarde que morria devagar
urubus deliravam ao céu
enquanto aquelas azaleias
murchavam
sem cerimônia ou alarde.



SE EU FOSSE JORGE LUIS BORGES

Ela soltou pelo nariz
Entrou no banho quente
Escolheu o sabonete
Massageou seu próprio corpo
Usou óleo de banho
- Viu a água escorrer no ralo
Um caudaloso rio em miniatura
rodopiava -
Gostava de cheiros
Velas, unções
Tinha passado dos quarenta
Pegou o perfume
Foi quando deu conta de si
No fundo do espelho borrado.



PALAVRA

A palavra
que não me abandone
seja assim
testemunha ocular
desta minha
ânsia
pelo absoluto
o fogo
que faça
a combustão possível
e me deixe
outra.
Mas da palavra
não abro mão
olha-me no fundo
da íris
oráculo
e profeta
de mim.



O OFÍCIO DO POETA

Há tanto para querer
Quanto a mim
Nada quero
Apenas meu verso
Apenas adiar minha morte
Poderá a poesia
Fugir dos meus dedos
Que será de mim
Se eu não alcançá-la
Lançarei estrofes ao chão
Palavratórios vazios
Não ecoarão
No fundo das almas.

Há muito para querer
Mas não quero dádivas.



POEMINHA APOCALÍPTICO

Eu diria nunca
Como quem diz sempre
Como quem morre sorrindo
Como um suicida no parque
Esperando o apocalipse
O problema é que o dia acaba
E a vida?
... continua
Bela e intocável
No apocalipse do real.



RUAS E VEIAS

corre nas ruas e busca
meu inteiro corpo
rasgos de desejo acobertado
algum sol

corre nas veias e nutre
meu intenso corpo
restos de desejo acumulado
algum pó

em ruas e veias
apenas calor
e um grande amor
fora de moda
afora um coração
que bate.



OFERENDA

Eis aquela
Que fechou o livro na sala
Ao ouvir a canção
E foi até a janela
Esquecendo a chave e a senha
Permanecendo trancada e opaca
Eis aqui aquela
Que se ocultou da chuva
E apenas suportou o sol
Seus raios dourados
Queimando a pele
Eis aqui aquela
Que se compadece
Da inútil sobriedade
Daqueles que nunca se indagam
Aquele que por instinto
E por destino
Necessita de solidões e presenças
Nos cristais da alma
Aquele que precisa
De um rio de lágrimas
Para secar o mar
Eis aqui aquela
Que necessita tudo
E outras vezes nada
Aquele que perde palavras
E ganha sentidos



FUGA

Um dicionário com palavras não usadas
Rimas e sinônimos
Cartas de amor não enviadas
Poemas abortados
Crônicas da cidade
Tudo perdido
No dilúvio do cotidiano
No redemoinho dos dias não contados
Dentro do peito
Nos leitos
E desatinos
Transformado em pedras de seixo e sal
Tudo vivido
Sem ser palavra
Que esta é artigo de luxo
Feito amor de menina-moça
Pelo professor
Ou pelo padre.



AULA DE GASTRONOMIA

A mãe comprava
Um frango vivo,
branco e inocente
Imolava seu corpo
Transformando-o
cebola, coentro, colorau
o cheiro de pimenta
envolvia a casa
a mãe dividia o frango
agora morto
em várias partes
os filhos
ávidos
mastigando seu frango
não percebiam
que a mãe ficava sempre
com a menor parte.

'eis aqui aquela'

são sessenta poemas de rita

são sessenta poemas da rita. da menina que,
por mais dias que viva, menos dias transpa-
rece e aparenta.

são sessenta poemas. cheiro de hai kai. in-
cisivos. contundentes. cortantes. exigentes
de sustos e de uma lealdade de sentir ale-
gria. e de chorar... dores, surpresas, acalan-
tos d'alma, desenganos, ânsias, esquecimen-
tos, meninices, lembranças, desejos, amores,
desesperanças esperantes de entendimentos
profundos.

são sessenta poemas de rita. a menina das
palavras vivas. não existem letras mortas
na vida dos

poemas de Rita'

